

Evidências de novos fatores linguísticos na seleção de preposições de complemento locativo do verbo *ir*

Marcos Luiz Wiedemer¹

Introdução

Diversos estudos sociolinguísticos (Mollica, 1996; Ribeiro, 1996, 2008; Vallo, 2004, Wiedemer, 2008, 2010a, 2010b; Vieira, 2009) sobre a regência variável do complemento locativo do verbo *ir* vêm demonstrando a pertinência de fatores extralinguísticos (idade, escolaridade, sexo/gênero, profissão) e de fatores linguísticos no condicionamento de seleção das preposições *a/para/em*. Sob uma perspectiva descritiva mais geral, fora do quadro da Sociolinguística, Travaglia (1985) sustenta que a preposição é regida pelo seu argumento ou adjunto e que a escolha da preposição se daria em dois níveis diferentes: no nível sintático, a preposição seria selecionada pelo verbo e, no nível semântico, ela se harmonizaria com o conteúdo semântico do adjunto ou do argumento do verbo.

No presente trabalho², pretendemos, a partir de uma abordagem sincrônica e numa perspectiva sociolinguística, discutir os resultados da análise de novos fatores linguísticos condicionantes na seleção das preposições que complementam o verbo *ir* e, com isso, aprofundar as justificativas e as hipóteses para os diferentes usos dessas preposições, alguns dos quais podem ser observados nos exemplos de (1) a (3) abaixo:

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP-SJRP/FAPESP, Processo 09/50819-0). Email: wiedemer@sjrp.unesp.br

² Este texto retoma alguns dos resultados da dissertação de Wiedemer (2008), que analisou a regência variável do verbo *ir* na fala catarinense.

(1) Ir + a

Em São Paulo não tem nada disso, né? Aí tem que ir a Santos, e Santos a gente conhece também muito bem. (SC BL 24).³

(2) Ir + para

A gente vai pra praia, né? (SC BL 22).

(3) Ir + em

la conhecer era Pantanal e essa seria... um dos meus sonhos é ir no Pantanal. (SC FL 10).

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos amostras de fala de 72 entrevistas do banco de dados do Projeto Interinstitucional Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil (VAR SUL), do qual consideramos as localidades de Florianópolis, Blumenau e Chapecó. Cada cidade é representada por um conjunto de 24 entrevistas, correspondentes a 12 perfis sociais (masculino e feminino, três níveis de escolarização e duas faixas etárias), com dois informantes para cada perfil.

Para a análise dos dados, utilizamos o pacote estatístico *GoldVarbX* (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005), que fornece percentuais e peso relativos (PR), além dos grupos de fatores relevantes para cada uma das variáveis independentes testadas, de modo a permitir o estabelecimento de correlações entre elas, caracterizando-se, assim, os diferentes contextos de uso das variantes analisadas (*a/para/em*).

O presente artigo divide-se em três seções. A primeira contempla um breve panorama das pesquisas de cunho sociolinguístico, bem como seus principais resultados. A segunda trata mais especificamente da análise e dos resultados referentes aos novos fatores linguísticos que condicionam a variação/mudança no uso das preposições que complementam o verbo *ir*. Por fim, na terceira seção, apresentamos as considerações finais.

1 Breve panorama dos estudos sociolinguísticos sobre a variação na regência do verbo *ir*

Sobre a variação na regência do verbo *ir*, um trabalho de bastante repercussão no âmbito da pesquisa sociolinguística é o de Mollica (1996)⁴, que foi desenvolvido com base em dados extraídos da fala de 64

³ Códigos adotados pelo Projeto VAR SUL para especificar entrevistas: estado (SC=Santa Catarina), cidade (BL=Blumenau; FL=Florianópolis), número da entrevista (22).

⁴ O trabalho de Mollica (1996) é apresentado em dois capítulos (capítulos 6 e 12) do livro *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro* (Silva e Scherre, 1996).

informantes da Amostra Censo / UFRJ, considerando 710 dados (46% são da preposição *em* e 54% de *a/para*⁵) e buscando identificar quais fatores condicionam a escolha das preposições *em* e *a/para*. A autora verificou a pertinência das seguintes variáveis linguísticas: *configuração do espaço*, *grau de definitude* e *traço de permanência*.

Em relação à variável *configuração no espaço*, os locativos são distribuídos por traços [+fechado] e [-fechado]. Para a Mollica (1996), a intenção quanto à postulação desses traços baseia-se na hipótese de que a preposição *em*, além da noção de movimento quando acompanha o verbo *ir*, conota o sentido de “estar dentro”, sendo o seu uso mais provável com locativos de traço [+ fechado], que identifica recinto cujo espaço seja mais demarcado. Os critérios utilizados pela autora para caracterizar essa variável foram os seguintes: a) como [+ fechado] entende-se “lugar cercado, com uma entrada definida, com ou sem teto” (*cinema, clube, casa, colégio, Maracanã*); b) como [-fechado] compreende-se “lugar indefinido e/ou abstrato e os considerados de difícil classificação” (*porta, médico, esquina, praia, baile, mãe*) (Mollica, 1996, p. 155-156).

Os resultados para essa variável apoiam a hipótese da autora de que a preposição *em* se associa a determinado traço semântico do nome (N) do complemento locativo ao qual a preposição acrescenta valor significativo de “estar dentro”, além do valor previsto de “movimento”.

Já no que tange à variável *grau de definitude*, o estudo da autora testa a hipótese de que quanto mais definido o referente, mais chance ele tem de ser regido por *em*, já que indica “lugar onde”, além da noção de “movimento” dada pelo verbo *ir*. Por outro lado, quanto mais indefinido, vago e/ou impreciso for o referente locativo, tanto maior a chance de ocorrer *a/para*, já que, nesses contextos, apenas a noção de movimento está presente. Assim, os traços controlados por Mollica (1996) foram a presença/ausência de determinante de N e os traços de natureza semântica definido/não definido.

Os critérios usados para essa variável foram os seguintes: a) como [+ definido] entende-se “referente conhecido do falante e do ouvinte, facilmente identificável” (*MEC, o sindicato, Copacabana*); b) como [-definido] entende-se “referente vago, impreciso, pouco identificável pelo falante e/ou ouvinte” (*qualquer lugar, psiquiatras, teatro*); c) para [+ determinado], presença de artigos e pronomes (*a tia, uma festinha, qualquer lugar*); e d) para [- determinante], ausência de artigos e pronomes

⁵ Mollica (1996) não separa as preposições *a* e *para* na análise.

(Mollica, 1996, p. 159-160). Dessa conjugação de traços, resultam *graus de definitude dos referentes*: o maior grau de definitude envolve referentes marcados positivamente quanto à definitude e à determinação; o grau intermediário corresponde a referentes com um traço positivo e outro negativo; e o menor grau de definitude envolve referentes marcados negativamente quanto à definitude e determinação. Observe-se que essa variável é complexa, envolvendo fatores de natureza diversa, a saber: fatores morfosintáticos e semântico-discursivos.

Os resultados da pesquisa mostram que os referentes dos nomes de complemento locativo do verbo *ir* distribuem-se em graus de definitude hierarquicamente dispostos: quanto mais definido e acompanhado de determinante for o N locativo, menor a chance de ser antecedido pelas preposições *a/para* (PR=0,31); quanto menos definido e acompanhado de determinante for o N locativo, maior a tendência de vir antecedido pelas preposições *a/para* (PR=0,73).

No que concerne à variável [\pm permanência], os resultados não apresentaram nenhuma ocorrência de [+ permanência] com *em* nos dados do Rio de Janeiro, o que levou a autora a analisar somente *a* vs. *para*. A autora não esclarece quais foram os critérios usados para identificar esses traços, apenas menciona que se associam à “ideia de fim ou permanência”. Entre os dados apresentados temos: a) para [+ permanência], como em: *Ela vai ter que ir embora, ir pra terra dela*; b) para [- permanência], como em: *Só uma vez ela foi à praia conosco* (Mollica, 1996, p. 163).

A partir dos resultados, a autora conclui que a regra que estabelece que a preposição *para* deve acompanhar o verbo *ir* quando há ideia de fim ou permanência ainda está bastante presente na fala e, dessa forma, pode-se afirmar que os falantes cariocas continuam sensíveis a ela.

Verifica-se que Mollica (1996) entende a diferença de uso entre *a* e *para* associada à ideia de ‘demora’, ‘permanência’, com base nos moldes das gramáticas tradicionais (Almeida, 1969; Dias, 1970; Bechara, 2009). Mas pensar que os falantes deveriam captar uma diferença de uso associada ao traço semântico [permanência] é algo discutível, principalmente porque os dados da pesquisa provêm de entrevistas gravadas e não temos como saber a intenção do falante ao usar a preposição *a*, *para* ou *em*. É evidente que podemos considerar algumas pistas contextuais que podem auxiliar a identificar a intenção do falante, mas essa inferência nem sempre é possível e nem sempre temos certeza de que essa inferência é verdadeira.

Kewitz (2007, p. 24), analisando exemplos da gramática descritiva de Neves (2000), argumenta que “em alguns casos, a categoria baseia-se

apenas no sentido do verbo, como no exemplo (4) abaixo, com a preposição *para*: a ideia de permanência se dá pelo verbo ficar, e o que *para* denota parece ser mais a ideia de localização ou direção”.

(4) A metade do corpo ficou para fora da porta. (permanência)⁶

Distanciando-se da ideia de [\pm permanência], Fiorin (2002, p. 172-177) propõe a seguinte categorização para as preposições ou locuções prepositivas temporais: *concomitância* e *não concomitância* (*anterioridade vs. posterioridade*). Outra categoria utilizada para a organização das preposições temporais é o *aspecto*. O autor organiza a categoria aspecto da seguinte forma: *pontual vs. durativo* (*terminativo vs. incoativo*). O aspecto incoativo-durativo refere-se ao começo do processo em duração temporal, sendo indicado por *desde, a partir de, a começar de*. O aspecto terminativo-durativo marca o ponto final do processo em duração temporal, sendo indicado pela preposição *até*. As preposições *a* e *em* podem ser consideradas, dessa forma, pontuais e durativas, pois marcam um momento inscrito no enunciado.

Em relação aos fatores sociais, Mollica (1996) mostra que a escolarização desempenha influência preponderante sobre a seleção das preposições *a* e *para* em detrimento da variante *em*. Ressalta, ainda, que a influência escolar estabelece uma oposição entre os falantes do Ensino Fundamental (séries iniciais e séries finais) e do Ensino Médio: estes favorecem as formas *a/para* e aqueles as desfavorecem. Já sobre a atuação da escolarização e sexo sobre a escolha das preposições, os dados indicam que as mulheres são mais sensíveis à escolarização, obedecendo, desde o início, à pressão escolar. No que tange ao fator idade, a escolha das variantes *a/para* também está correlacionada com esse fator, embora as crianças, em termos probabilísticos, evidenciem leve tendência a usar mais frequentemente as formas *a/para* do que os jovens de 15 a 25 anos. Já os adultos apresentam maior polarização das variantes. Em suma, Mollica (1996) mostra que os fatores *escolaridade, sexo* e *idade* foram relevantes em sua pesquisa, destacando-se o uso de *a/para* pelos informantes mais escolarizados, especialmente as mulheres.

Com o objetivo de traçar um quadro complementar ao que Mollica (1996) esboçou em relação ao fenômeno estudado, Ribeiro (1996, 2008) analisa a regência do verbo *ir* de predicação incompleta na fala

⁶ Exemplo retirado do trabalho de Kewitz (2007, p. 24).

culta carioca, tendo recolhido 734 ocorrências do *corpus* do Projeto NURC da cidade do Rio de Janeiro (114 inquéritos DID – diálogo entre informante e documentador, distribuídos igualmente entre homens e mulheres em três faixas etárias: de 15 a 25 anos, de 36 a 55 anos e acima de 56 anos de idade). Para tal finalidade, o autor testou as mesmas variáveis de Mollica (1996), quanto à caracterização do locativo alvo do movimento (*configuração do espaço* e *grau de definitude*), além das variáveis sociais clássicas. Assim como aquela autora, Ribeiro também trabalhou com a oposição *para/a versus em*, com base no critério padrão *versus* não-padrão, tendo obtido os seguintes resultados gerais: 86% de frequência *para/a* e 14% de frequência de *em*.

Comparando os resultados dos dois trabalhos, notamos que o percentual de uso de *para/a* na fala culta carioca (amostra NURC) é 32 pontos percentuais mais elevado do que aquele observado na fala mais popular (amostra Censo) analisada por Mollica. Em contrapartida, os informantes do NURC utilizam apenas 14% de *em*, enquanto os falantes do Censo chegam a 46%, abonando o *status* não-padrão atribuído à preposição *em*.

Os resultados de Ribeiro (1996, 2008) ratificam as tendências apresentadas por Mollica quanto aos fatores linguísticos: a preposição *em* tende a ocorrer com espaço [+fechado] (PR=0,60) e também com lugar [+definido] e [+determinado] (PR=0,80). Quando um dos fatores referentes ao grau de definitude era marcado positivamente e outro negativamente, os pesos relativos não revelaram diferença significativa (PR=0,48 e PR=0,59, respectivamente), da mesma maneira que se observa nos resultados de Mollica (1996). Dessa forma, pode-se dizer, então, que, na fala carioca, independentemente do grau de escolaridade dos informantes, as variantes linguísticas *configuração do espaço* e *grau de definitude* atuam da mesma maneira sobre o uso da preposição *em*. Vale lembrar aqui que, assim como Mollica (1996), Ribeiro adota critérios morfossintáticos e semântico-discursivos conjuntamente na avaliação dessa variável.

Quanto às variáveis sociais, Ribeiro (1996, 2008) mostra que, enquanto o comportamento dos homens oferece indícios de implementação da mudança, com uma distribuição linear decrescente – os mais jovens usando mais a preposição *em* do que os mais velhos, o comportamento feminino apresenta um quadro de variação estável – as mulheres da faixa etária intermediária (36 a 55 anos) tendem a evitar o uso da variante *em*, enquanto as faixas etárias situadas nos extremos a utilizam mais. Esse comportamento feminino mais conservador, mais

sensível ao prestígio social, é explicado pelo autor com base em pressões do mercado do trabalho.

Vallo (2004) se detém na análise de questões similares em seu estudo realizado a partir da análise do uso das preposições vinculadas ao verbo *ir* na língua falada pessoense, com base em dados presentes no *corpus* VALPB – Variação Linguística no Estado da Paraíba (Hora, 1993). O autor encontrou 610 ocorrências, assim distribuídas: 82 casos de uso do *a*, 441 casos de *para* e 87 casos de *em*, correspondendo a uma porcentagem de 13%, 72% e 15%, respectivamente. Pode-se observar um comportamento bastante diferenciado entre os falantes cariocas (*corpus* Censo) e os pessoenses no uso das preposições: enquanto no Rio de Janeiro há 46% de uso da preposição *em* (Mollica, 1996), em João Pessoa esse percentual cai significativamente para 15%; enquanto 56% dos cariocas usam as preposições *a/para* (Mollica, 1996), os pessoenses preferem, de forma acentuada, a preposição *para* (72%) e utilizam menos a preposição *a* (13%).

O estudo revela ainda que, a exemplo dos resultados encontrados por Mollica (1996), o uso de um nome locativo de conhecimento do falante e do ouvinte favorece o uso da forma *em*. No entanto, diferentemente de Mollica, a pesquisa de Vallo (2004) mostra que o referente que possui o traço [+fechado] favorece o uso das formas *a/para*.

Ainda sobre os resultados, o estudo mostra que o discurso não-narrativo favorece o uso das preposições *a/para*, ao passo que o discurso narrativo favorece o uso da preposição *em*. Sobre essa variável, o autor, com base em Tarallo (1985), reflete sobre a hipótese de que o informante, ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, desvencilha-se da preocupação com a forma do padrão gramatical.

Em relação aos fatores sociais, o trabalho de Vallo (2004) também constata o papel dos anos de escolarização como variável social significativa, apresentando um resultado bastante polarizado: quanto maior o nível de educação formal, mais frequente é uso de *a/para*; quanto menor é esse nível, mais frequente é o uso de *em*.

Outro estudo que analisa o português do sul do Brasil é o trabalho de Vieira (2009). A autora também considera entrevistas do Banco de Dados VARSUL, das capitais dos Estados da Região Sul do Brasil, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba, envolvendo dados de 39 informantes, assim distribuídos: 12 de Curitiba, 12 de Florianópolis e 15 de Porto Alegre. Vieira (2009) procura identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha das preposições usadas com os verbos de movimento *chegar*, *vir*, *levar* e *ir*.

Utilizando a metodologia laboviana, Vieira (2009) obtém os seguintes resultados gerais para os verbos analisados: de um total de 530 ocorrências, 391 envolvem a presença do verbo *ir*, enquanto o verbo *levar* apresenta somente 25 ocorrências. Em segundo lugar, verifica-se o uso bastante frequente das preposições *a/para* associado aos verbos *levar* e *vir*, com a frequência de 88% e 83%, respectivamente. Nessas ocorrências, somente em três situações o verbo *levar* é acompanhado pela preposição *em*, o que se observa em nove situações relativamente ao verbo *vir*. Já no que se refere ao verbo *chegar*, das 58 ocorrências observadas, somente em dois contextos ele foi usado com a preposição *para*. Diferentemente do que ocorreu com os outros verbos, o verbo *ir* apresenta variação significativa, com preferência pelo uso das preposições *a/para* (PR=0,60).

Em relação aos fatores linguísticos, a utilização da preposição *para* é condicionada pelo fator [+permanência]. Esses resultados se coadunam parcialmente com os achados de Mollica (1996), uma vez que, em sua pesquisa, Vieira (2009) não encontrou casos de utilização da preposição *em* associada ao traço [+permanência]. Por outro lado, vale lembrar que o estudo de Mollica se refere somente ao verbo *ir*, enquanto o de Vieira contempla um grupo maior de verbos de movimento.

No quadro dos fatores linguísticos investigados por Vieira (2009), os resultados indicam que o traço semântico [-fechado] favorece a escolha das preposições *a/para*, e o traço [+fechado] favorece a escolha da preposição *em*. Esses resultados confirmam a tendência apontada por Mollica (1996) e Ribeiro (1996, 2008) para o verbo *ir*, mas diferem daqueles obtidos por Vallo (2004), que constatou o uso das formas *a/para* associadas ao traço [+fechado].

Outro resultado que se assemelha, parcialmente, àqueles de Mollica (1996) e de Ribeiro (1996, 2008) refere-se ao *grau de definitude e determinante do locativo*. Vieira (2009), na análise do comportamento das preposições que acompanham o verbo *ir*, obteve resultados que demonstram que quanto mais definido e mais conhecido for o referente do locativo, maior a possibilidade de se utilizar a preposição *em*, e que a indeterminação do locativo e o fato de seu referente não fazer parte do universo de conhecimento do falante favorecem as variantes *a/para*. Vallo (2004) também apontou que o uso de um nome locativo de conhecimento do falante e do ouvinte favoreceu o uso da forma *em*.

No que concerne aos resultados para os fatores sociais desse estudo de Vieira (2009), o único fator que se mostrou relevante foi a variável *geográfica*, que indicou que os falantes de Porto Alegre são os que mais usam verbos de movimento com as preposições *a/para*, enquanto os

falantes de Florianópolis são os que mais usam a preposição *em*. Já os dados de uso das preposições pelos falantes de Curitiba, nessa amostra, sinalizam que a cidade tem um papel praticamente neutro em relação aos índices gerais de preservação ou substituição da preposição que rege os verbos de movimento.

2 Ampliando os limites da atuação de fatores linguísticos sobre o uso variável de preposições com o verbo *ir*

Retomando os resultados dos trabalhos resenhados na seção anterior, além da relevância do papel dos fatores sociais sobre a regência variável do complemento locativo do verbo *ir*, conforme demonstrado pelos trabalhos de Mollica (1996), Ribeiro (1996, 2008), Vallo (2004) e Vieira (2009), observa-se também a pertinência da análise de fatores linguísticos que condicionam a seleção das preposições *a/para/em*.

Em relação a tais fatores, o estudo seguiu a seguinte trajetória de pesquisa. Primeiramente, surgiu o trabalho pioneiro de Mollica (1996), que propôs o controle da *configuração do espaço, grau de definitude e traço de permanência*, os quais são retomados por Ribeiro (1996, 2008). Já Vallo (2004) soma a isso o controle da *narratividade*, e, em Vieira (2009), observa-se o avanço da análise para um grupo de verbos de movimento.

Ampliando ainda mais os limites dos fatores linguísticos reconhecidos como condicionantes das preposições *a/para/em*, conforme destacamos neste trabalho, que retoma alguns dos achados de Wiedemer (2008), lançamos mão dos seguintes fatores linguísticos: (i) configuração do locativo; (ii) pessoa do discurso; (iii) tempo-modo-verbal. Conforme comentaremos em seguida, os resultados apontados nesta pesquisa, além de confirmarem a evidência de que outros fatores linguísticos atuam no condicionamento do uso das preposições *a/para/em*, que complementam o verbo *ir*, fornecem fortes evidências em favor da intercorrelação de uma multiplicidade de fatores, sejam linguísticos ou extralinguísticos, que envolvem o fenômeno em pauta.

2.1 A relevância da configuração do locativo

Como vimos em vários trabalhos, as características do locativo se mostraram relevantes para o uso alternado das preposições em estudo. Neste artigo, procuramos detalhar a configuração do espaço, tentando captar diferenças mais sutis e detectar eventuais condicionamentos.

É pertinente destacar que o uso da preposição *ad*, que surge no latim clássico, já mostrava certa variação no passado, pois essa preposição podia ser usada tanto com objetos inanimados como animados, atribuindo

certa proeminência ao objeto, indicando o ponto a que a ação se dirige. Assim, embora estejamos analisando um verbo que não requer objeto, mas um complemento circunstancial, em nossos dados a maioria dos locativos tem o traço [-animado]. Por esse motivo, preferimos refinar os fatores para diferenciarmos os tipos de locativos, controlando diferentes propriedades, que, conjuntamente, configuram os espaços que caracterizam situações representadas nos enunciados que contêm o verbo *ir*. Essas propriedades são controladas a partir da identificação de traços semântico-discursivos, resultando nas seguintes codificações: (i) [*lugar/objeto*], termo que remete a lugares, objetos sem nomes definidos, tais como, *casa*; (ii) [*lugar/instituição*], que abrange nomes definidos de lugares, como, por exemplo, *UFSC*; (iii) [*lugar/instituição personificada*], que remete tanto a personificação de instituição (*médico* = consultório) como personificação de lugar (*sogra* = casa da sogra); (iv) [*lugar/evento*], que considera acontecimentos que se passam em certos lugares, como, por exemplo, *missa*, *futebol*, *feira*, e processos/acontecimentos; (v) [*lugar/ espaço sócio-geográfico*], relativo a lugares com referência geográfica, tais como *comunidade*, *interior*, *centro* e localidades específicas.

Os resultados para a variável *configuração do espaço* encontram-se na Tabela 1, dada a seguir.

Tabela 1: Influência da variável *configuração do espaço* sobre o uso de *A*, *PARA* e *EM*

Preposições Configuração do Espaço	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Lugar/inst. personificada	20/69	29	0,70	17/69	25	0,30	32/69	46	0,56
Espaço geográfico	57/257	22	0,69	148/257	58	0,54	52/257	20	0,35
Lugar/evento	17/118	14	0,65	45/118	38	0,45	56/118	47	0,47
Lugar/objeto	46/462	10	0,36	195/462	42	0,51	221/462	48	0,57
Lugar/instituição	4/51	8	0,22	25/51	49	0,56	22/51	43	0,59
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40	
Significância	Input: .11 1º selecionado	Sig.: .045		Input: .45 7º selecionado	Sig.: .034		Input: .39 5º selecionado	Sig.: .023	

Em relação à preposição *a*, observa-se que os três primeiros fatores dispostos na tabela favorecem seu uso, o primeiro dos quais [*lugar/instituição personificada*], com peso relativo de 0,70, também favorece, embora com menor peso, o uso da preposição *em* (PR=0,56), e o segundo fator [*espaço geográfico*], com peso relativo de 0,69, também favorece levemente o uso da preposição *para* (PR=0,54). Assim, pode-se dizer que o contexto preferencial da preposição *a*, ou seja, o contexto que, de fato, particulariza seu uso, é o fator [*lugar/evento*], cujo peso relativo associado

é de 0,65 – fator que se mostra levemente inibidor para o uso das preposições *para* e *em* (PR=0,45 e PR=0,47, respectivamente). Por outro lado, os fatores [lugar/instituição] e [lugar/objeto] são fortes inibidores do uso da preposição *a* (PR=0,22 e PR=0,36, respectivamente).

Embora com menor polarização, mas considerando a “relação” entre os pesos, três contextos se destacam no favorecimento ao uso da preposição *em*: [lugar/instituição], [lugar/objeto] e [lugar/inst. personificada], com pesos relativos de 0,59, 0,57 e 0,56, respectivamente. Entre esses fatores e [lugar/evento] e [espaço geográfico] há uma diferença superior a 0,10, o que confirma sua relevância. A preposição *para*, por outro lado, não apresenta nenhum contexto favorecedor ao seu uso. A tendência mais acentuada em relação a *para* é o nítido desfavorecimento de seu uso com o fator [lugar/instituição personificada], já que o peso relativo obtido é bastante baixo (PR=0,30) em relação aos demais, bastante próximos.

Em resumo: (i) o contexto que está se delineando como particular da preposição *a* é [lugar/evento]; (ii) o contexto que está despontando como característico para a preposição *em* é [lugar/objeto]; (iii) a preposição *para* não apresenta nenhum contexto particularizado de uso; (iv) é evidente o comportamento distinto entre as preposições *a/para versus em* diante do fator [espaço geográfico], que desfavorece fortemente o uso de *em*; (v) pode-se dizer que as preposições *para/em* estão claramente em variação nos contextos [lugar/evento] e [lugar/instituição].

As ocorrências abaixo ilustram a tendência de uso da preposição *a* com [lugar/evento], da preposição *em* com [lugar/objeto] e das preposições *a/para* com [espaço geográfico].

(05) É, sou torcedor de rádio de pilha. Torço pelo Figueirense, mas **não vou ao jogo**. (FLP 10) [lugar/evento]

(06) Eu lembro, eu era pequena ainda, não ia na ah! **ia na escola**, sim, já ia na escola, é. Só sei que minha mãe estava esperando neném, ela chorou muito, né? (BL 06) [lugar/objeto]

(07) Eles vieram pra Florianópolis porque todo mundo dizia que Florianópolis era bom. Ilusão, né? Todo mundo dizia: “Ah, **vai pra Florianópolis**, Florianópolis é bom, é melhor, tem serviço, isso e aquilo.” Aí então eles vieram. Mas na época que eles vieram pra cá não tinha ônibus, não tinha nada. (FLP 08) [espaço geográfico]

(08) Lá eu trabalhei. Depois **eu fui a Curitiba**, trabalhava no balcão, vendia tecidos e aviamentos. (BL 05) [espaço geográfico]

Verifica-se assim que o locativo identificado como espaço geográfico favorece *a/para* e desfavorece *em*; a preposição *em* é favorecida em contexto de lugar/instituição personificada (ou não), porém o fator lugar/objeto condiciona o uso de *em* e inibe o uso de *a*, mostrando-se indiferente ao uso de *para*.

Além disso, considerando os dados, evidencia-se uma oposição entre as preposições *a* e *para*: lugar/instituição personificada e lugar/evento privilegiam o uso de *a*, ao passo que inibem o uso de *para*; por outro lado, lugar/instituição e lugar/objeto, principalmente o primeiro fator, desfavorecem *a* e favorecem *para*. Isso mostra que devemos ter certa cautela ao dizer, por exemplo, que a preposição *a* está cedendo terreno para a preposição *para*, que, por sua vez, estaria em competição com *em*; ou que *a/para* devem ser reunidas em oposição a *em*, como considerou Mollica (1996), por exemplo. Pelo contrário, os resultados apontam que existem contextos claros de retenção do uso de *a* na fala de Santa Catarina.

2.2 O sujeito da oração e a configuração da expressão locativa

Como vimos, em diversas pesquisas sociolinguísticas, a análise dos fatores linguísticos apontou a pertinência de grupos de fatores ligados ao locativo que complementa a preposição, como, por exemplo, "*configuração do espaço*", "*grau de definitude*" do referente, ou a atribuição do traço *permanência*, bem como outros fatores, que acabam por desconsiderar a interação da expressão locativa com outros constituintes da sentença. Assim, a composicionalidade de uma sentença aponta para a importância de se considerar a presença de outros constituintes oracionais na configuração da expressão locativa.

Com base nessa consideração, idealizamos o controle do "sujeito da oração" com o verbo *ir*, verificando sua associação com as pessoas do discurso. Essa variável implementa-se por meio do controle dos seguintes fatores:

(Primeira pessoa [eu, nós])

(09) **Eu** viajava vinte quilômetros pra **ir num baile**, de bicicleta. (SC BLU 16)

(Segunda pessoa [tu, você, vocês])

(10) É, para o lado da Joaquina, invés de **tu ires pra Joaquina**, pra Barra, tá? O Morro da Barra não era calçado, foi calçado há pouco tempo, se não me engano, até [no] quando o Esperidião era prefeito. (SC FLP 24)

(Terceira pessoa [ele(s), ela(s), SN singular e plural])

(11) **Eles** gostavam muito de **ir na casa dos avós** deles assim. (SC BLU 04)

(A gente como pronome)

(12) **A gente** podia **ir em bailes**, coisas assim, sem muitas violências... (SC BLU 07)

Após a classificação dos dados e sua análise, organizamos os resultados para tal grupo de fatores na Tabela 2, abaixo.

Tabela 2: Influência da variável *pessoa do discurso* sobre o uso de *A*, *PARA* e *EM*

Pessoa do Discurso	Preposições			A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
<i>A gente</i> + P1 (<i>eu, nós</i>)	113/620	18	0,57	253/620	41	-	254/620	41	0,53			
P2	8/58	14	0,48	19/58	33	0,44	31/58	53	0,59			
P3	23/279	8	0,35	158/279	57	0,65	98/279	35	0,42			
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40				
Significância	Input: .11	Sig: .045		Input: .45	Sig: .034		Input: .39	Sig: .023				
	3° selecionado			2° selecionado			7° selecionado					

Como se observa, o sujeito *a gente/nós/eu* correlaciona-se mais ao uso da preposição *a* (PR = 0,57), enquanto *tu/você* relacionam-se mais fortemente à preposição *em* (PR = 0,59), e *ele/eles*, ao uso de *para* (PR = 0,65). Com base nesses resultados, pode-se afirmar que a variável *pessoa do discurso* mostrou exercer influência na seleção das preposições (*a/para/em*), e dessa forma, parece evidente que o falante demonstra uma inclinação para selecionar a preposição associada ao seu referente no discurso. Diante desses resultados, podemos traçar uma tendência de uso das preposições relacionada à pessoa do discurso, conforme quadro abaixo.

Quadro 1: Tendências de uso das preposições relacionadas à pessoa do discurso

PESSOA DO DISCURSO	Preposição
<i>A gente+eu/nós</i> (P1)	A
P2	EM
P3	PARA

Seguem dados ilustrativos da variável *pessoa do discurso*.

(13) [eu] olha, às vezes eu gostaria de ir mais longe assim, fazer um passeio, isso e aquilo, mas, eu não gosto de dirigir, e, às vezes que eu ando na Cento e Um pra mim não é um passeio, não é nada, isso é A última vez que **eu fui a Florianópolis**, realmente, quando eu vinha de volta, era umas quatro ou cinco horas da tarde, *essa* região de Florianópolis pra cá,... (SC FLP 24) [P1]

(14) Isso aí foi só inventado só pra tirar o dinheiro [do] da classe operária porque classe operária é [que] que sofre com isso. **Tu vais no mercado**, hoje é um preço, tu vais amanhã no mesmo supermercado aí que *está* aumentando quarenta e poucos por cento acima [da] do permitido. (SC BL 12) [P2]

(15) Foi uma luta tremenda pra nós dois e os filhos. Botava tudo dentro do Fusquinha, **ela ia pra uma universidade**, eu ia pra repartição e botava os filhos na escola. (SC FLP 13) [P3]

Considerando os resultados, fica clara a atuação da variável *pessoa do discurso* na seleção das preposições (*a/para/em*).

2.3 Permanência ou tempo-modo-verbal

Apesar de outros trabalhos (Mollica, 1996; Vallo, 2004; Vieira, 2009) terem controlado o grupo de fatores [+permanência]/[-permanência], motivados pela tradição gramatical ou pela tradição linguística, que apresentam a diferença no uso das preposições *a* e *para* com base na oposição “estada provisória” e “estada permanente”, consideramos *essa* variável de difícil operacionalização nos dados. Como definir com certa segurança se o sujeito vai permanecer ou não no local, se não houver uma indicação explícita de tempo, por exemplo? Além disso, pistas contextuais nem sempre são esclarecedoras. Some-se a isso, ainda, o fato de que a inferência da noção de permanência, muitas vezes, decorre do significado do verbo e não da preposição.

Em vista disso, em Wiedemer (2008), testamos três grupos de fatores concernentes ao verbo (*frequência aspectual*, *perfectividade* e *tempo-modo-verbal*)⁷, tendo apenas o grupo de fatores *tempo-modo-verbal* se mostrado relevante no condicionamento do uso das preposições *a/para/em*, conforme exemplos destacados abaixo:

⁷ Apresentamos aqui apenas o grupo de fatores *tempo-modo-verbal*, pois foi o único selecionado pelo pacote estatístico. Ao leitor interessado na configuração dos outros grupos de fatores, ver Wiedemer (2008).

(16) *Na época [da] quando nós íamos para o colégio, na época caía geada ainda, hoje não cai muita geada aqui.* (SC BLU 03) [Pretérito imperfeito]

(17) *E quando eu fui a São Paulo, eu trabalhei num escritório, uma firma que vendia aço, no atacado.* (SC BLU 05) [Pretérito perfeito]

(18) *Não dá ânimo pra ir num campo de futebol ou clube que nós temos aqui em Blumenau* (SC BLU 03) [Outros]⁸

Observando os resultados indicados na Tabela 3, o fator que motiva a seleção das preposições *a* e *para* é o tempo passado. Além disso, fica evidente uma distribuição complementar em relação às duas preposições, ou seja, *pretérito perfeito* atuando na seleção da preposição *a*, e *pretérito imperfeito*, na seleção da preposição *para*. Além disso, os percentuais mais baixos associados à preposição *em* são justamente os de tempo passado.

Tabela 3: Influência da variável *tempo-modo verbal* sobre o uso de *A*, *PARA* e *EM*

Preposições TMV	A			PARA			EM		
	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR	Apl./total	%	PR
Pretérito perfeito	60/271	22	0,63	119/271	44	0,36	92/271	34	-
Outros	15/153	10	0,38	65/153	42	0,49	73/153	48	-
Pretérito imperfeito	39/292	13	0,47	148/292	52	0,60	105/292	36	-
Presente	30/241	12	0,47	98/241	41	0,54	113/241	47	-
TOTAL	144/957	15		430/957	45		383/957	40	
Significância	Input: .16 5° selecionado	Sig.: .15		Input: .45 6° selecionado	Sig.: .47		Não selecionado		

Além disso, considerávamos que essa variável estivesse relacionada com a narratividade do discurso, no sentido de que a forma inovadora *em* surgisse mais em sequências narrativas, já que o discurso narrativo propiciaria a emergência do vernáculo, e que fatos passados pudessem promover o uso da preposição *em*, baseados nos resultados de Vallo (2004), que demonstrou que o discurso narrativo favorece o uso da preposição *em*, e na hipótese de Tarallo (1985) de que o informante, ao narrar experiências pessoais mais envolventes, se desvincilha da preocupação com a forma gramatical.

Como vimos, essa linha de pensamento não foi confirmada, pois os resultados apontam justamente para o caminho inverso, ou seja, tempos pretéritos condicionam o uso das preposições *a/para*.

⁸ Esse fator engloba outros tempos verbais, bem como formas nominais do verbo que não integram uma locução verbal.

Diante disso, uma hipótese alternativa poderia ser a seguinte: a flexão do verbo *ir* tem por base um fenômeno que é denominado supletivismo verbal, pois estão na base de sua constituição, em português, três radicais verbais latinos diferentes: *ire* (ia, irei, iria, indo, ido); *vadere* (vou, vais, vai, vamos, vão, vá, vás, vades); e *fu-*, radical do perfeito do verbo *esse*, “ser” (fui, fora, fosse etc), que foram reunidos em uma única forma verbal (Machado, 1995). Uma das confluências desse processo, por exemplo, é que os verbos *ser* e *ir* têm a mesma forma verbal no pretérito perfeito.

E, por sua vez, as preposições estariam apresentando uma regularização de uso associadas aos verbos de origem, com o uso da preposição *para* com o tempo verbal *pretérito imperfeito*, e da preposição *a* com o tempo verbal *pretérito perfeito*, ou seja, pode-se pensar em uma abstratização do significado das raízes associadas ao verbo *ir*.

Vejamos, por exemplo, a frase *O sujeito foi na batalha*. Nesse contexto, o verbo *foi* com o sentido original *ser* passou, hoje, para o significado de *esteve*. Assim, uma das causas da manutenção da preposição *em* pode estar associada ao verbo de origem. Porém, traçamos aqui apenas uma hipótese, que merece uma investigação mais aprofundada.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho buscamos evidenciar novos grupos de fatores referentes à variação no uso das preposições *a/para/em* no complemento locativo do verbo *ir* a partir dos resultados alcançados por Wiedemer (2008), e apresentar outros fatores linguísticos que atuam na variação/mudança do fenômeno investigado, além dos já investigados por outros trabalhos (Mollica, 1996; Ribeiro, 1996, 2008; Vallo, 2004; Vieira, 2009).

Para tanto, inicialmente, exemplificamos o fenômeno de variação/mudança das preposições *a/para/em* com base em diversos estudos sociolinguísticos existentes, e também apresentamos os grupos de fatores controlados por tais trabalhos.

Na sequência, apresentamos os resultados e análise de novos fatores linguísticos (*configuração do locativo; pessoa do discurso; tempo-modo-verbal*) que atuam na seleção das preposições *a/para/em*, que complementam o verbo *ir*, e, com isso, sustentamos a multiplicidade de fatores que envolvem o fenômeno.

Distanciamos-nos, aqui, da afirmação de Travaglia (1985), de que a escolha da preposição se daria em dois níveis diferentes: no sintático,

pela regência do verbo e, no semântico, pela sua harmonização com o conteúdo semântico do adjunto ou do argumento do verbo. Conforme demonstrado neste trabalho, analisando as preposições do verbo *ir* no nível sintático, o verbo rege variavelmente três preposições (*a/para/em*). No nível semântico, o detalhamento semântico do locativo motiva o uso de uma ou de outra preposição. Além disso, evidenciamos a atuação da variável *tempo-modo-verbal*, cuja natureza é morfossemântica, além de fatores como *pessoa do discurso*, fator que está associado ao sujeito, mas que, de fato, é de natureza discursiva, assim como as variáveis *narratividade* e *finalidade* (Wiedemer, 2008). Assim, o fenômeno sob análise transita pelos níveis morfosintático e semântico-discursivo, além de ser sensível a fatores extralinguísticos (Wiedemer, 2010a, 2010b). Portanto, pode-se dizer que a escolha da preposição se dá em mais do que dois níveis, diferentemente do que sugere Travaglia (1985).

Referências

ALMEIDA, N. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1969.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev. e amplo. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009 [1961].

DIAS, A. E. da S. *Sintaxe histórica do Português*. Lisboa: Clássica, 1970.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

HORA, D. *Projeto variação linguística no Estado da Paraíba*. João Pessoa: UFPB, 1993.

KEWITZ, V. *A gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA no Português Brasileiro (séculos XIX e XX)*. Tese (Doutorado em Linguística) – USP, São Paulo, 2007.

MACHADO, J. P. *Dicionário da língua portuguesa etimológico*. 7. ed. Lisboa: Livros Horizonte, v.3, 1995.

MOLLICA, M. C. de M. "A regência variável do verbo *ir* de movimento". In.: SILVA, G. M. O.; SCHERRE, M. M. P. (orgs.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, pp. 149-167 (Capítulo 6).

_____. "Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo

ir de movimento". In.: _____. (org.). *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 285-293 (Capítulo 12).

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

RIBEIRO, A. J. C. R. *Um caso de uso variável de preposições na chamada fala culta carioca: a regência do verbo Ir de predicação incompleta*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

_____. "Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo *ir* na fala carioca". In.: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (orgs.). *Anthony Naro e a linguística no Brasil: uma abordagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, pp. 87-94.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

TRAVAGLIA, L. C. "Sobre as possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto". *Letras e Letras*, v. 1, n. 1, 1985, pp. 15-39.

VALLO, M. A. G. do. "A regência do verbo *ir* de movimento na perspectiva variacionista". In.: HORA, D. da (org.). *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. João Pessoa: Gráfica Editorial Pallotti, 2004, pp. 207-217.

VIEIRA, M. J. B. "Variação das preposições em verbos de movimento". *Revista SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v.12, n.1, 2009, pp. 423-445.

WIEDEMER, M. L. *A regência variável do verbo ir de movimento na fala de Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2008.

_____. "A atuação dos fatores sociais na seleção das preposições de regência do verbo *ir* (movimento) na fala de Santa Catarina". *Revista Estudos Linguísticos*, v. 39, n. 2, 2010a, pp. 640-655.

_____. "Influência das variáveis sociais sobre o uso das preposições no complemento locativo do verbo *ir* na fala catarinense". *Revista Gatilho*, Ano VI, v. 11, 2010b, pp. 1-16.

Resumo

Neste artigo, apresentamos os resultados da análise de novos fatores linguísticos como condicionantes na variação/mudança das preposições *a/para/em*, que introduzem complemento locativo do verbo *ir*, com base em dados de amostras da fala de Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau e Lages), no sul do Brasil, integrantes do Projeto VARSUL. Procuramos mostrar que outros fatores linguísticos atuam na variação/mudança linguística que envolve esse fenômeno, além dos já apontados por trabalhos anteriores de cunho sociolinguístico.

Palavras-chave: Verbo *ir*; preposições (*a/para/em*); VARSUL; Sociolinguística.

Abstract

This paper presents the results of the analysis of new linguistic factors which constrain the variation/change in the use of prepositions *a/para/em* introducing the locative complement of verb *ir* (to go), based on data from samples of speech from Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau and Lages), in the south of Brazil, which integrate the Project VARSUL. We try to show that other linguistic factors act in the variation/change that involves this phenomenon, besides those already pointed out by previous sociolinguistic researches.

Keywords: Verb to go(*ir*); prepositions (*a/para/em*); VARSUL; Sociolinguistics.